

ASSENTAMENTO TRINTA DE MAIO: AÇÕES E CONTRADIÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO EM UMA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DO MST

HOFF, Márcio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

ZITKOSKI, Jaime

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Revisoras: Helenara Plaszewski Facin, e-mail: helenaraf@yahoo.com.br

Mitizi de Miranda Gomes, e-mail: mitizig@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que deu origem a essa dissertação de mestrado está vinculada à área de Ciências Humanas e se pauta na análise acerca da concepção de trabalho cooperativo para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e na conseqüente implementação de uma Cooperativa de Produção Agropecuária – CPA, no Assentamento Trinta de Maio, considerada como um projeto alternativo de desenvolvimento econômico, social e cultural para as famílias assentadas, visando contrapor a lógica do modelo capitalista de produção. O objeto de estudo da presente pesquisa foi constituído pelas ações e contradições existentes entre os campos da educação e do trabalho cooperativo que vêm se refletindo, sobretudo, nos últimos anos de forma acentuada na cooperativa de produção agropecuária do Assentamento Trinta de Maio, em Charqueadas. A pesquisa também tratou da permanente dialética entre o campo da educação, do mundo do trabalho e das transformações sócio-culturais que permeiam o cotidiano das famílias assentadas e colocam seus projetos coletivos de vida e de sociedade num permanente jogo de tensões, incertezas e dualidade frente aos constantes assédios impostos a elas pelos aparelhos ideológicos de reprodução da cultura hegemônica a serviço do capital, pois segundo Brandão, “na estrutura de relações que se constituem para produzir a sua dominação, as classes dominantes não dispensam o aparato cultural” (BRANDÃO, 1986:27).

O problema que constitui a formação deste trabalho está colocado através do seguinte questionamento: o sistema cooperativo, adotado pelo Assentamento Trinta de Maio, tem como principal característica a democracia e a igualdade nas diversas relações que envolvem a produção e visa possibilitar aos sócios sua independência e autonomia social, econômica e, sobretudo, cultural, em relação ao sistema capitalista? Esse modelo de autogestão vem cumprindo o seu papel social de contribuir para a transformação cultural das famílias assentadas nas relações de sociabilidade com os processos de educação e trabalho cooperativo? Ao se afirmar enquanto classe de trabalhadores rurais sem-terra, os assentados estão assumindo um projeto de sociedade coletivo, superando a forma de consciência alienada. Passam a conhecer os instrumentos de luta que pode os tirar da situação de acampados, e os colocar na posição de assentados, adquirindo consciência de sua força e de união enquanto classe social. Percebem

que, enquanto classe organizada, são elemento-chave para o processo de produção agrária acontecer.

Contudo, quando a luta pela terra atinge seus objetivos para esse grupo de agricultores, eles se organizam de forma individual ou coletiva e passam a afirmar a existência do próprio capital, ou seja, estão aptos a legitimar as relações de exploração do trabalho alienado, ou seja, o próprio capitalismo. Para os oprimidos, lhes é dada a possibilidade de fazer emergir, a partir de uma consciência de classe, ou, de um “pensar certo”, como afirma Freire, referindo-se à consciência revolucionária, a possibilidade própria de realizar a revolução. Freire afirma que as elites dominadoras sabem tão bem dessa possibilidade que passam a utilizar a todo momento mecanismos de manipulação de alienação, e até mesmo de coação, para impedir que as massas reflitam sobre sua própria realidade de classe dominada (FREIRE, 2001:146-7) e da possibilidade concreta de realizar uma revolução social, cultural e econômica nas esferas da vida e do mundo do trabalho, para buscar sua realização enquanto seres humanizados. Em Freire, o trabalho enquanto práxis humana material e não material é tido como mola propulsora para a libertação das classes populares, através da transformação do mundo natural e cultural por meio do próprio trabalho. Conforme Fischer (2008), “é visível que a esfera do trabalho é abordada em sua obra sob forte influência da matriz marxista de pensamento”, contudo, ele confirma seu não-dogmatismo ao marxismo quando assume que a perspectiva da luta de classes seria apenas um “dos motores da história e, não o motor da mesma (FISCHER apud STRECK, 2008:413).

Em sua obra, *Pedagogia do Oprimido* (2001), Freire afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 2001:52). Essa afirmação pode ser tomada como o cerne do trabalho cooperativo em sua obra, haja vista que através da educação como um ato político é que os sujeitos passam a ser reeducados. Através do princípio da cooperação, da coletividade, somos motivados a praticar sua teoria da ação dialógica que, segundo Góes (2008), se conjuga em dois momentos importantes: “o reconhecimento da desumanização e o envolvimento coletivo em um processo de humanização do homem, que só pode se dar nas atividades coletivas. Ambos construídos dialogicamente [...]” (GÓES apud STRECK, 2008:85). Dessa forma, o trabalho coletivo se transforma em importante ferramenta para construção de uma autonomia materializada na atuação responsável dos trabalhadores.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Como estratégia e modo para conduzir o presente estudo, optou-se por adotar a linha da Pesquisa Participante. Desse modo, a escolha por tal linha de pesquisa legitima-se pelo fato de enquadrar-se nos parâmetros alçados para esta investigação, razão pela qual o problema de pesquisa se constrói através da análise e da problematização do modelo de organização coletiva para o trabalho e produção agrícola adotado pelo conjunto de um grupo de famílias de um assentamento rural do MST. Considerando as variantes sócio-culturais e econômicas que vêm interferindo de forma direta no empreendimento e no *modus operandis* dos envolvidos no processo.

Na pesquisa participante, não importa somente a percepção que o pesquisador obtém dos fatos analisados, mas como afirma Paulo Freire, “a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida” (FREIRE, 2006:35). No contexto do assentamento e da organização cooperativa, a ação considerada pela pesquisa visa diagnosticar e apontar soluções que contribuam na superação e na resolução dos problemas e contradições levantados pela mesma. Os procedimentos metodológicos que irão fundamentar a pesquisa no contexto da investigação científica subdividem-se em algumas etapas postas em prática pelo pesquisador ao longo do ano de 2008 e no transcorrer de 2009, quais sejam, o levantamento de dados bibliográficos e documentais; a pesquisa de dados e do universo empírico; a pesquisa de dados de fonte secundária e, as entrevistas semi-estruturadas gravadas com 25 sujeitos com envolvimento no Assentamento Trinta de Maio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Assentamento Trinta de Maio, os processos de cooperação entre as famílias desencadearam um maior convívio social, implicando na troca de saberes, ideias e informações, sobretudo acerca dos processos de diversificação produtiva do trabalho. A experimentação do processo de conscientização iniciou-se através do envolvimento de cada família, seja na realização de pequenos afazeres, na organização do local para a realização de uma mística ou assembleia, na troca de favores entre os sujeitos, ou seja, o ato cooperativo em si contribui para a evolução gradativa da consciência ingênua e alienada para uma consciência crítica.

A humanização da consciência dos assentados passa a ocorrer quando tomam para si a importância de um relacionamento fraterno com os seus pares e com a natureza, procurando preservá-la ao máximo, através de ações de trabalho que visem à auto-sustentabilidade, através da criação de novos valores humanos. Entretanto, ainda percebe-se limitações das famílias e da própria cooperativa em relação aos processos de organização do assentamento em diversos aspectos de natureza ideológica, econômica, social, religiosa e política, sobretudo pela carência de uma formação educacional sistemática que tenha como objetivo central problematizar aspectos de natureza sócio-cultural ainda tão arraigados no *ethos* de muitos assentados.

4 CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou que as contradições existentes no Assentamento Trinta de Maio são fruto de um desgaste natural da empresa cooperativa, engendradas nas escolhas da direção da Copac já que privilegia a dimensão econômica em detrimento da transformação cultural da consciência coletiva dos assentados através da formação política e de uma educação cooperativa sistemática e continuada. Em certa medida, os motivos levantados que conduziram 24 famílias da Copac a desistir do trabalho na cooperativa continuam a ocorrer na organização cooperativa. A retomada do processo produtivo e da organização social dessas famílias ocorreu de forma desproporcional em

comparação à estrutura de investimentos sociais e econômicos realizados pela Copac. Isso porque, como apontaram alguns depoimentos, as famílias desistentes do projeto cooperativo da Copac foram prejudicadas pela pouca ou nenhuma verba rescisória, que, segundo a contabilidade da cooperativa, tinham direito a receber.

De acordo com a análise dos documentos regulatórios da cooperativa, constatou-se que o estatuto e o regimento interno da cooperativa são muito rígidos em suas regras. Esse fator, associado às dívidas financeiras de projetos contraídas pela cooperativa, foram apontados pelos ex-sócios como algumas das motivações que provocaram o seu desligamento do empreendimento. Os mesmos ainda disseram ter sido injustiçados por ocasião do rompimento com a cooperativa, pois, segundo eles, a indenização pecuniária recebida não correspondia aos anos de trabalho dedicados à cooperativa. Em alguns casos, a cooperativa realizava acordos com as famílias que se desligavam da empresa.

5 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FISCHER, Maria Clara Bueno. Verbete Trabalho. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GÓES, Moacir de. Verbete Coletivo. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.